

## MOLDURAS PITORESCAS EM NARRATIVAS CIENTÍFICAS

IGOR ANTONIO MARQUES DE PAIVA\*

Entre os anos de 1799 e 1804, os naturalistas Alexander von Humboldt (1769-1859) e Aimé Bonpland viajaram pelos diferentes biomas da América latina em busca de informações sobre o clima, o território, a natureza, a cultura e o estado econômico e social das colônias do então frágil Império Espanhol. Neste estudo iremos analisar a presença dos pressupostos estéticos da *Geographie des Plantes* de Alexander von Humboldt em suas epistolas publicadas nos períodos europeus durante a primeira fase da exploração da Venezuela feita pelos arredores da capitania de Cumaná. Neste sentido, a presença do conceito de pitoresco apresenta-se nas narrativas epistolares como filtro estético que domesticava e atribuía feições aprazíveis e suaves ao cotidiano da exploração científica das terras equinociais. Iremos seguir a leitura das cartas com o intuito de cumprir um duplo propósito geral: aproximar da primeira versão da viagem deste naturalista como fora veiculada nos periódicos europeus, e, simultaneamente, verificar como alguns dos fragmentos epistolares antecipavam fórmulas e temas que depois foram tratados nos livros da viagem americana de Humboldt e Bonpland.

A escrita epistolar das *Lettres Américaines* tinha a função de repassar os resultados científicos e divulgar cenas ilustrativas da viagem de Humboldt e Bonpland. Este uso social da escrita – que deveria preservar a imagem dos sábios entre o público Europeu – fazia com que as notícias científicas fossem envolvidas por características teatrais; precisamente, as descrições de cenas do cotidiano do trânsito pelas colônias espanholas serviam como enredo para o posicionamento de Humboldt nos debates filosóficos, científicos e estéticos que envolviam a América vista pelos europeus do final do século 18. Neste sentido, as cartas compunham cenas, atos, episódios da empresa científica, compostas pela reunião sintética de pequenos eventos do trânsito americano que ilustravam em moldes ficcionais, os relatórios da produção científica e temas filosóficos delimitados pela grade disciplinar da História Natural.

Os naturalistas Humboldt e Bonpland – com partida em La Coruña – chegam à costa da Venezuela em meados de Julho de 1799. Permaneceram na cidade portuária de Cumaná por aproximadamente um mês antes do início de suas excursões para fora da cidade. A saída dos viajantes para fora da cidade iniciou em 19 de Agosto.

---

\* Universidade Federal de Mato Grosso, doutorando, CAPES.

As descrições epistolares da fase inicial da viagem de Humboldt facultam-nos perceber como o prussiano modelou as suas notícias da viagem a partir do modelo de veracidade aceito entre homens de ciência e periódicos; e, complementarmente, permite verificar a presença de princípios estéticos do pitoresco no modo como o naturalista descreveu a paisagem interna do continente americano.

1º de setembro de 1799. De Cumaná, Humboldt escreveu para o astrônomo austríaco e editor do *Monatliche Correspondenz*, Franz Xaver, o barão de Zach:

“Um bergantim espanhol vindo de Cádiz, que se molhou nestas águas esta manhã, me proporciona uma agradável ocasião para dar-lhe sinal de vida” [...]

Disse que escrevia rapidamente, afinal,

[...] “estou a ponto de empreender, a partir de amanhã, uma viagem no interior do país, nas montanhas de Caripe e de Carupano [...] De lá, penso em ir ao interior do Paria, nos estabelecimentos dos missionários Capuchinhos onde tudo é interessante para o naturalista, plantas, montes e rochas, homens sobretudo, Índios mansos ou Caribes. (HAMY, 1905 : p.35).”

Os viajantes adentraram o interior da colônia do leste em direção ao oeste venezuelano; passaram na missão de San Fernando e seguiram o itinerário pelos povoados de Arenas, Cumanacoa, Bémudez, Cocollar e Santo Antonio. Foram em direção às florestas do Pária, do vale de Guanaguana para o vale de Caripe. O caminho seguiu pelo monte Santa María, Santa Cruz, Missão Catuaro e Buena Vista Cariaco; após cerca de vinte dias, Humboldt e Bonpland retornaram pelas águas do Golfo do Pária para a cidade de Cumaná. Os naturalistas mediram montanhas (atual estado do Sucre) e determinaram a localização de pontos estratégicos com recursos astronômicos. Herborizaram, também, uma grande quantidade de espécies que se faziam representativas do mundo natural na região. Os naturalistas viajantes – protegidos e hospedados pelos religiosos – tiveram a oportunidade de medir os corpos e entrevistar os índios Chaymas e outras populações indígenas reduzidas nas missões de Nueva Andalucía, sobre seus hábitos, crenças, costumes, ritos e linguagens.

O regresso dos viajantes para o espaço urbano colonial em Cumaná era o momento em que se iniciava o processo de comunicação dos resultados de traços cotidianos da viagem científica com um circuito de sábios da Europa. A permanência dos sábios em territórios urbanos, onde se encontravam com as elites locais, era um momento dedicado à escrita das epístolas que mantinham o viajante em contato com as *gentes letradas* e sociedades científicas de Europa.

“*Como vou lhe pintar a paisagem?*”, perguntou para o químico Fourcroy

Humboldt em carta a Fourcroy, de 25 de janeiro de 1800, perguntou ao químico francês radicado em Paris – que já fazia quase uma década publicava estudos de extração de resinas plásticas no periódico *Journal de Chimie*:

“Como pintar-vos a majestade desta vegetação, madeiras de *Ceiba*, de *Hévea*, *Hymenea*, onde nunca se sente os raios do sol; a variedade dos animais, a soberba plumagem dos pássaros, os macacos, os tigres, o aspecto medonho dos crocodilos (caimans) quais pululam nos rios e que têm mais de 30 pés de largura?” (HAMY, 1905 : p.59).

Esta comunicação representava a paisagem que o prussiano havia confrontado entre as missões religiosas de Nueva Andalucía e o Pária. A descrição da viagem servia como um enredo para a ilustração de traços da paisagem vista com um profundo gosto estético e para apontar alguns dos trabalhos sobre as resinas plásticas da *Hévea* feitos pelo prussiano. A apreensão estética da paisagem – para os leitores de periódicos – atribuía graça, leveza e atratividade aos relatórios científicos que Humboldt enviava com assuntos que deveriam atender precisamente ao interesse de seu correspondente.

A viagem ocorreu no período em que o debate setecentista sobre a inferioridade natural de América ainda preservava a sua força. Os escritos epistolares de Humboldt, fazendo coro a uma torrente de publicações, de Herder, de Clavigero, de Thomas Jefferson e outros, rebatiam a tese consagrada por Buffon sobre a inferioridade imanente da natureza da América.

A resposta de Humboldt à imagem de uma natureza essencialmente degenerada na América, presente nas cartas da viagem de Cumaná, a Nueva Andalucía, Pária e Orenoco, fora traduzida em esboços feitos a partir estética do pitoresco. As cenas de paisagens capturadas nas cartas do prussiano eram representadas pela atratividade dos traços equilibrados, suaves e belos; e, por outro lado, pelo terror causado pela grandiosidade e pela força expressa pelas paisagens que eram o cenário das suas *performances* enciclopédicas como viajante naturalista: medir, observar e colecionar.

Os trabalhos científicos eram encenados em paisagens capturadas num molde de rusticidade que refletia a distância das cidades europeias. A busca por estas paisagens justificava-se pela apreensão de sua fecundidade, variedade e irregularidade que era particular aos trópicos vistos por uma perspectiva pitoresca. Estas estruturas da apreensão pitoresca nortearam a forma estética da resposta à desqualificação da natureza no continente americano feitas por Humboldt em suas composições epistolares.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Na *Geographie des Plantes*, publicado em 1807, Humboldt – sem conceituar – enuncia o pitoresco como a variedade, a diversidade e a irregularidade característica da natureza dos trópicos. Nos trópicos havia poucas plantas de uma mesma espécie ocupando um mesmo lugar; logo, as espécies vegetais normalmente ocorriam com indivíduos isolados e um mesmo cenário natural aparecia com um grande variedade de tipos de plantas; por isso, pode-se ler no ensaio do prussiano, as paisagens tropicais eram mais pitorescas, pois, variadas e diversificadas em suas cores e formas. Humboldt escreveu: “plants

A combinação de relatórios científicos e apreensão estética nos relatos epistolares nos leva aos princípios que foram posteriormente definidos nos livros de viagem do naturalista prussiano. O viajante, na *Geographie des Plantes*, argumentou que:

[...] “a ciência deve traçar os limites; mas o homem sensível às belezas da natureza há de encontrar ainda explicação para a influência que exerce o aspecto das vegetações sobre o gosto e a imaginação dos povos. Agradar-se-á examinar em que consiste o que se nomeia caráter da vegetação, e as sensações que produz na alma de quem o contempla [...] aí estão perguntas que se têm feito poucas vezes até estes dias, e que são sem dúvida dignas de ocupar o físico.” (HUMBOLDT, 1807 : p.30).

Este princípio foi consagrado nos ensaios reunidos no livro *Ansichten der Natur (Tableaux de la Nature)*, publicado em 1808, em Berlim e Paris. Nas cartas americanas já estava presente, na forma de esboço e antecipando-se aos livros de viagem, o padrão humboldtiano de ciências físicas, resultante da hibridação do empírico, do lógico e do contemplativo. Seguindo este princípio, Humboldt registrou o cotidiano de sua viagem nas cartas levadas aos jornais a serem lidos pelo grande público. Ciência, filosofia e arte se entrelaçavam para compor o enredo do cotidiano da viagem tendo a função de relatar as coletas, as observações e experiências científicas, feitas *in situ*, e atendia simultaneamente a tarefa de servir para o entretenimento de leitores de periódicos que acompanhavam a viagem pelos periódicos.

#### *A representação dos instrumentos na viagem por Nueva Andalucía, Pária e Orenoco*

As cartas de Humboldt levadas para a publicação impõem considerar o possível impacto que as críticas dos periodistas poderiam causar sobre a escrita do viajante. Yasmine Marcil considerou – a partir da leitura de jornais literários parisienses – a existência de um triplo juízo da crítica dos jornalistas à credibilidade das cartas de viajantes publicadas no final do século XVIII: o nome, a formação e os métodos de trabalho do viajante no campo de pesquisa. (MANCIL, 2010).

Os críticos avaliavam os escritos orientados pelo peso da assinatura e dos círculos de intelectuais que haviam sido frequentadas pelo viajante no período de sua preparação para a empresa científica. Para o sábio em trânsito, restava apresentar com clareza os seus métodos de trabalho e aguardar “o tribunal dos sábios e críticos” medirem o valor dos seus extratos de relatos remetidos aos jornais.

Cenas epistolares da viagem de Humboldt e Bonpland demonstram com agudeza esta preocupação em tornar claro o método de produção do saber. As cenas do cotidiano da viagem tinham o primado de pôr luzes em momentos de efetuação de atividades científicas feitas pelos

---

associés sont plus communes dans les zones tempérées que sous les tropiques, dont la végétation moins uniforme est par cela même plus pittoresque” (HUMBOLDT 1807 : p.15).

naturalistas europeus nas colônias; e, na composição dos relatos de trabalhos cotidianos, os instrumentos científicos aparecem reiteradamente ilustrando o rigor do método seguido pelos viajantes no trânsito americano.

Na carta para Fourcroy, de 16 de outubro de 1800, temos uma projeção de um trecho ilustrativo publicado no *Le Moniteur Universel*:

[...] “percorremos o vasto terreno situado entre a costa, o Orenoco, o Rio Negro e o Amazonas, o cidadão Bonpland secou com os repetidos, mais de seis mil plantas. Eu fiz, com ele, sobre os lugares, descrições de doze centenas de espécies, das quais uma grande parte pareceu-nos tipos não descritos por Aublet, Jacquin, por Mutis e Dombey. Coletamos insetos, conchas, madeiras que tingem [*bois de teinture*]; dissecamos crocodilos, manatis, macacos, *gymnotus electricus* (cujo fluido é absolutamente galvânico e não elétrico) e muitas serpentes, lagartos e peixes. Desenhei numerosos destes objetos. Por último, ouso sentir orgulho [*flatter*] que se eu errei foi antes por ignorância que por falta de atividade.” (HAMY, 1905 : p.80)

Os leitores do periódico de Pankoucke receberam as notícias de um intenso trânsito dos naturalistas pela costa e pelos rios Orenoco, Negro e Amazonas. O cotidiano figurou como uma repetição de trabalhos de recolhas, de dissecações de indivíduos da fauna e de desenhos que copiavam as espécies da flora e fauna. Os registros e experiências feitas *in loco* correspondiam aos contornos principais do tempo – relatado em cartas levadas aos periódicos franceses – em que Humboldt e Bonpland passaram na América; deste modo, o estudo empírico figurava ilustrado como um dos itens do método de trabalho dos estudos da flora e fauna descritos nas cartas levadas aos periódicos.

O papel do viajante se completava – somando-se ao estudo da flora e fauna – com o reconhecimento do espaço e a cuidadosa tomada de medidas de longitudes que pudessem favorecer a fabricação de mapas mais exatos sobre a região visitada. Relatando os trabalhos feitos até o regresso da exploração do Orenoco, em carta publicada no *Le Moniteur*, *Magasin Encyclopédique*, *Bulletin de la Société Philomatique* e *Anales de Ciencias Naturales*, o prussiano descreveu o reconhecimento científico do espaço como tarefa essencial do explorador de regiões pouco visitadas por europeus (HAMY: 1904, p.93). Nesta frente, comentou o cuidado que teve em fazer rigorosamente as observações astronômicas e a marcação do tempo dos deslocamentos com os cronômetros que levou consigo. Na carta para Joseph Delambre, de 24 de novembro de 1800, afirma:

“Meu relógio de Louis Berthoud segue sendo muito exato em sua marcha; o controle a cada quatro, cinco e seis dias, pelas alturas correspondentes que posso tomar com os instrumentos que tenho (sextantes de Ramsdem e Thoughton, um quarto de círculo de Bird, um horizonte de Caroché), cujo erro não alcança um segundo de tempo” [...]

O método – assim como na esfera da botânica, fisiologia e zoologia – figura enunciado pelos modelos exigidos pela crítica. Os dados eram repassados sempre em correspondência com os instrumentos usados para a sua obtenção. Os barômetros, sextantes, círculo de Bird, cronômetros e

mais uma enorme coleção de instrumentos ganham o corpo do relato epistolar aferindo um teor de verdade ao dito por Humboldt do mundo colonial. A exploração feita pelos viajantes junto a um *criollo* [Nicolás Soto] e um missionário [padre Zea], pelo rio Orenoco, Negro e canal Casiquiare, é o motivo da composição de uma cena de acampamento. A Delambre, em 24 de novembro de 1800, Humboldt relatou, numa linguagem lúdica, a presença dos instrumentos:

“Você teria rido vendo-me entre os índios Ydapaminaros (nos bosques do Casiquiare), com os instrumentos, colocados em caixas e cofres, usando carapaças de tartarugas para sentarmos, com oito ou nove macacos que levamos conosco e que queriam a todo o custo manejar também meus hidrômetros, meus barômetros e meus eletrômetros... Ao redor de tudo isso, dez ou doze índios deitados em suas barracas, e fogueiras acesas por toda a parte, para espantar os tigres que são tão ferozes como os da África” [...] (HAMY 1905: p. 93).

O elemento que envolve toda a cena pitoresca do trabalho de campo do viajante no Orenoco são os instrumentos científicos. Os viajantes e índios Ydapaminaros figuram entre carapaças de tartarugas que lhes serviam como assento. Estes dividem a cena com os cofres e caixas que deveriam preservar os instrumentos científicos levados para a navegação fluvial pelo interior do continente. Junto às figuras humanas – continua a descrição – macacos são representados em suas tentativas de manejar os hidrômetros, barômetros e eletrômetros levados pelo naturalista para os estudos físicos da região do Orenoco. A presença dos instrumentos é uma constante no relato da viagem pelo interior do continente; por um lado, aparece para atribuir legitimidade às medidas de latitudes que os viajantes assumiram como tarefa na viagem pelas águas do Orenoco, Casiquiare e Negro; por outro lado, os instrumentos figuram também para compor cenas pitorescas dos trabalhos científicos feitos distantes do universo urbano. Todavia, Humboldt assumia nas suas cartas ainda outro recurso para aferição de seu relato como verdadeiro perante críticos e o público. O naturalista comentou em missiva para Wilhelm von Humboldt – de 21 de setembro de 1801:

“Aqui em Cartagena encontrei o Senhor Fidalgo e a comissão que havia sido enviada para o levantamento do mapa das costas, com posse de três bons cronômetros e outros instrumentos. Como minhas observações geográficas nos países dos Índios, entre o Orenoco, o Casiquiare, o Rio Negro e o Maranhão (rio Amazonas) se apóiam sobre muitos pontos das costas, tive a curiosidade de comparar minhas determinações com as que haviam sido feitas pelo Senhor Fidalgo” [...] (HAMY, 1905 p: 124).

A colaboração dos sábios locais aparece como um elemento suplementar ao trabalho do viajante feito no trajeto. Deste modo, as afirmações de empirismo, a presença de instrumentos científicos e a comparação de dados com sábios locais concorriam para a construção da legitimidade do relato das cartas da viagem como um discurso verdadeiro sobre espaços fora do alcance do olhar do público europeu, tanto em enredos cotidianos como nos relatórios científicos.

Humboldt, portanto, norteava o enredo epistolar por exigências similares às dos críticos que garantiam a legitimidade da reputação da viagem científica perante o público. A ciência newtoniana, presente em alusões ao uso de instrumentos científicos, não esgotava, contudo, o modo de o viajante julgar a completa captura da realidade do universo – que lhe afigurava repleto de forças e fluídos invisíveis, mas, experimentáveis, pelas ciências físicas e pela sensibilidade aguçada pelo gosto artístico. Este viajante buscava, pois, na estética, um recurso para a apreensão das forças múltiplas, variadas e harmoniosas que deveriam compor o todo, visto como o “cosmos”; logo, uma forma estética figura esboçada nas cenas epistolares do cotidiano das explorações da América que aparecem publicadas nos jornais.

#### *O rascunho pitoresco nos interiores de Nueva Andalucía e na viagem pelo Pária e Orenoco*

Assim como as menções feitas à presença de instrumentos remetem aos padrões comuns exigidos para o relato de viagem ser aceito como verdadeiro pelos críticos, igualmente, a presença estética, no relato da viagem científica nas cartas americanas, reflete os princípios de um grupo específico frequentado por Humboldt. Encontra-se uma pista que indica o lugar com o qual prussiano partilhava o modelo de relato que combinava arte e ciência, em carta posterior ao retorno do viajante à Europa. Numa missiva do naturalista para Karoline von Wolzogen – de 14 de maio de 1806 –, lê-se,

“Apesar da [...] evocação de uma natureza quase aterrorizantemente viva [...] apesar dos mil fenômenos e figuras que ocupam os meus sentidos [ao longo da viagem na América], o novo ficava em seguida familiar e o que parecia exteriormente estranho se adaptava facilmente às antigas figuras e reconheci, nos bosques da Amazônia e sobre os contrafortes dos Andes, que o mesmo sopro anima a vida de um polo ao outro nas pedras, nas plantas, nos animais e no peito dilatado de um homem. O sentimento da grande influência de Jena perseguia-me por toda a parte, as idéias de Goethe sobre a natureza me tinham elevado, para assim dizer, me dotado de novos órgãos.” (HAMY 1905, p.211 -212).

Humboldt, que havia frequentado os salões de Jena com Goethe, em 1797, descrevia a natureza americana a partir do olhar que buscava capturar a paisagem pela “impressão total da natureza”; portanto, o viajante apreendia as paisagens americanas com a intenção de reconhecer a beleza do detalhe de cada elemento e distingui-la da beleza que se reconhece ao prestar a atenção nas relações mútuas que todos os elementos de um mesmo espaço exercem uns sobre os outros para a configuração da fisionomia da paisagem – isso, conforme considerações de Jürgen Misch em “Ciencia y estética: reflexiones en torno a la presentación científica y representación artística de la naturaleza en la obra de Alexander von Humboldt”. (MISCH, 2007 : p. 285). Sob este modelo, Humboldt pretendia ver cada local, elemento e fenômeno natural como uma manifestação do cosmos universal. Todavia, a captura estética da paisagem se desdobrava para além das referências oferecidas

por Goethe. Descrições sobre os efeitos da luz nas fisionomias naturais – em relato a respeito da passagem sobre os Cerros de Sipapo – levavam o viajante a capturar o cenário a partir de referências de pinturas de paisagens de Claude Lorrain e Nicolas Poussin (HUMBOLDT, 1819 : p. 381-382). Enquanto para a paisagem vista como interconexão de elementos individuais da flora, da fauna e das formações geológicas e da presença humana, Humboldt buscava referências em *Paul et Virginie*, que ilustrava a natureza da Ilha Maurício, a partir da literatura sensível de Bernard de Saint-Pierre. O entrelaçamento da paisagem aos moldes deste autor francês, que segundo o viajante, soube pintar a natureza [...] porque a sentia em todas as suas afinidades harmoniosas de formas, de cores e de forças internas”, lhe servia como um modelo complementar à “impressão total” de Goethe – como apareceu nas considerações do viajante, sobre a paisagem nos arredores da missão de Atures, posta na *Relation historique*. (HUMBOLDT 1819: p.314).

A estética nas cartas, menos que refletir um círculo restrito geograficamente, apontava a opção do viajante prussiano em manter-se adepto dos sábios que defendiam a ciência ao molde enciclopédista (CHAPPEY, 2006: p.115). Por um lado, a ciência era aberta às conexões generalizantes com a arte, a literatura e as ciências físicas e empíricas; e, por outro, era comprometida em assumir formas e linguagens que garantissem o acesso e o deleite do grande público ao contemplar o conhecimento científico – tal forma já era criticada a partir do início do século XIX. Em carta a Pictet, lê-se: “os homens querem ver e eu lhes mostro um microcosmo a partir de uma folha. Creio que, por conseguinte, a charlatanearia literária encontra aqui a utilidade da coisa”; missiva de março de 1805. Nos escritos de Humboldt, portanto, a estética assumia uma dupla função: agradar ao grande público; e também servir como ferramenta na composição dos cenários sintéticos feitos com a proposta de generalizações. Neste sentido, a escrita epistolar continua expressando a sua relação com o tipo de suporte, os periódicos científicos, literários e políticos, que garantiam a grande divulgação da viagem de Humboldt e Bonpland (HAMY, 1905 : p.183-184).

A ideia do pitoresco era modelo pelo qual o viajante *epistolier* “pintava” as paisagens para o deleite dos correspondentes. No exemplo da carta a Fourcroy, de 25 de janeiro de 1800, a exploração científica era representada em cenários compostos pelos maiores e aterrorizadores elementos dos rios e das florestas [crocodilos medonhos de 30 pés de largura] e, paradoxalmente, pelos elementos mais atrativos, doces e coloridos [como a soberba plumagem dos pássaros] que poderiam ocorrer dividindo o mesmo cenário paisagístico localizado nos trópicos.

O pitoresco, ajustado em composições comoventes ao modo estético do sublime (MISCH 2007, p. 290-291), figurou nos escritos de Humboldt como uma forma comum à vegetação dos

tropicais. O entrelaçamento de diferentes espécies e dos múltiplos tipos de elementos naturais na constituição das paisagens sempre resultava em quadros mais variados, diversos e pujantes nas regiões dos trópicos – como já aparece na descrição da costa de Cumaná, na missiva para Wilhem de 16 de julho de 1799. Esta idéia, presente no *Essai sur la Geographie des Plantes*, caracterizada pelas composições variadas, coloridas, rústicas – ligada à idéia do Sublime – e comoventes pela combinação do grandioso e do delicado, figurou ao modo de esboço na descrição da viagem americana das epístolas enviadas aos jornais. A viagem de Humboldt e Bonpland pelas regiões de Nueva Andalucía, Pária e Orenoco, na versão publicada nos periódicos, foi descrita por meio do modelo estético do pitoresco.

O periódico madrileno *Anales de Historia Natural* levou aos leitores espanhóis uma missiva que ilustra a forma como o prussiano representou a paisagem. A pergunta feita inicialmente para Fourcroy – “como vou lhe pintar a paisagem?” – aparece com uma resposta esboçada no texto levado ao prelo com o patrocínio do rei Carlos IV.

Humboldt e Bonpland, após a chegada a Cumaná e a viagem a Punta de Araya, continuaram a viagem com passagens pelo interior de Nueva Andalucía, Pária, Caracas, Nueva Valência e Orenoco. Uma carta de Humboldt para o barão de Forell, de 3 de fevereiro de 1800, foi o suporte de uma representação do trânsito pelo interior de Nueva Andalucía e o Pária:

“Ao chegar à Havana ou Caracas reconhecemos em todas as partes traços da cultura européia, mas no Golfo do Cariaco cujos índios selvagens (*Guaraunos del Arco*) dos pântanos cercam 15 léguas, tudo anuncia ainda o império da Natureza. Os tigres, os crocodilos, e mesmo os monos não se espantam com o homem; os arvores mais preciosas, os *guayacanes*, os *mahagony*, os bosques do Brasil, *as campeches*, *as cuspas* (quininas) avançam até as margens e suas ramagens entrelaçadas às vezes formam obstáculos para aportar. Águas e ares estão cheios de pássaros mais raros. Desde as boas que devoram um cavalo até um colibri que se meche sobre o cálice das flores, tudo aqui proclama como é grande, potente e doce, ao mesmo tempo, a natureza”.

A narrativa enviada a Forell prossegue,

“Nunca um naturalista esteve nestas missões [dos *Chaymas*]. Descobrimos numerosas plantas novas, novos tipos de palmeiras... Escalamos ao cimo do *Tumiriquiri*, descemos na *Cueva del Guácharo*, uma caverna imensa habitada por milhares de pássaros noturnos [...] cuja gordura dá o *aceite del Guácharo*. Nada mais majestoso que a entrada desta caverna coroada da mais bela vegetação. De lá sai um rio bastante considerável. O seu interior retém os gritos lúgubres dos pássaros. A caverna é o *Aqueronte* dos Índios *Chaymas*, segundo a mitologia destes povos e dos índios do Orenoco, as almas dos defuntos entrem naquela cova. *Ir à Guácharo* quer dizer morrer na sua linguagem”. (HAMY 1905, p.65-67).

A carta a Forell constrói uma cena da entrada dos viajantes nos interiores do mundo dito quase selvagem das colônias americanas. O cenário é descrito aos leitores espanhóis em passagens tomadas pelo sentimento aparentemente paradoxal do temor e do prazer. O cenário sintético é aberto pela costa urbanizada das colônias e adentra até as missões religiosas da província de Nueva

Andalucía e os bosques do Pária. A composição deveria arrebatá-los os mais sensíveis leitores das cartas de Humboldt, particularmente pelos encontros, numa mesma paisagem, de rios repletos de crocodilos, e cavernas e bosques que, como no molde pitoresco, davam lugar às belas quedas d'água e ao voo suntuoso dos colibris pelos cálices das flores.

As cartas inserem as figuras de Humboldt e Bonpland na entrada de um espaço virginal repleto de plantas não catalogadas e tipos ignorados de palmeiras. Numa representação sintética são resumidos os eventos do período da exploração de Nueva Andalucia e o Pária. Os viajantes são descritos numa escalada pelo monte Turimiquiri. Do monte, o enredo se desloca para a entrada dos viajantes na caverna Guácharo. A cena da caverna apresenta-se em dois olhares paradoxais, vistos desde a perspectiva do imaginário enciclopédico. O autor representou o olhar indígena para capturar a caverna em uma imagem sombria – expressando a presença da idéia estética do sublime no repertório cultural do viajante; o olhar dos índios é traduzido por Humboldt pela metáfora classicista do *Aqueronte*<sup>1</sup> dos índios, como um espaço imaginado pelos Outros de um modo similar ao canal que deveria ligar o mundo dos vivos ao mundo dos espíritos, como o viajado por Eneias, na *Eneida*, de Virgílio (sec. I a.C). E no olhar ilustrado, instruído e pitoresco do viajante, a caverna se emancipa das ditas superstições das culturas “fora” da racionalidade ilustrada e entra noutra rede de sonhos e formas de apreensões do mundo real: o Iluminismo. Na forma ilustrada de Humboldt, capturar a América; a ciência direcionava o olhar do viajante a ver o continente como um campo de pesquisas e de plantas a serem descobertas e catalogadas; o gosto estético, complementarmente, servia-lhe como instrumento para rebater as teses da inferioridade do continente americano com as composições generalizadoras que representavam paisagens, com elementos dóceis, majestosos e aterrorizantes entrelaçados numa mesma região.

O continente americano foi descrito de forma variada, múltipla, nas fisionomias gerais das paisagens descritas nas cartas de Humboldt enviada aos sábios europeus, conforme aparece na carta a Wilhelm von Humboldt de 16 de julho de 1799 (HAMY 1905: p.25, p.27). A resposta à tese de inferioridade do continente americano era feita a partir da ideia do pitoresco. Esta ideia servia como uma ferramenta estética para a representação generalizante de climas frescos, montanhas de picos nevados, vulcões, rios e bosques de densas florestas, responsáveis pela fisionomia da região entre a costa e o interior de Nueva Andalucía, Pária, Caracas, Nueva Valência e Guayanas – como se pode

---

<sup>1</sup> Humboldt está fazendo referência ao rio Aqueronte, que, na *Eneida* (sec.I a.C), de Virgílio, no livro IV, foi descrito por Eneias – o protagonista da epopéia – como um dos rios infernais. A metáfora é utilizada por Humboldt para representar a atribuição, dos índios de Caripe e seus guias, da Cueva Guácharo como espaço sagrado das almas e ossos de seus antepassados.

ler nas cartas a Forell de 16 de julho de 1799; a Franz Xaver von Zach de 1º de setembro de 1799; (HAMY 1905: p.43) ou a Fourcroy, em 25 de janeiro de 1800 (HAMY 1904, p.60) e 16 de outubro de 1800 (HAMY 1905: p.81). A ideia do pitoresco usada para apreender a variedade das fisionomias gerais da paisagem americana era complementada por outras características além do clima e das configurações de montanhas, rios e bosques do interior do continente. A distância do mundo urbano entendido como civilizado era um elemento presente na caracterização do continente americano representado nas cartas da viagem de Humboldt e Bonpland publicada nas *Lettres Américaines* – compilada por Hamy, revista e traduzida para o espanhol pelo biógrafo Charles Minguet.

A viagem pelos rios Orenoco, Casiquiare e Negro, posterior ao retorno do Pária, é um momento em que a rusticidade característica do olhar pitoresco delimita o molde dos relatos do trânsito dos viajantes em América. O jornal *Le Moniteur Universel* levou aos seus leitores uma carta escrita pelo viajante *epistolier*, para Fourcroy, em 16 de outubro de 1800,

“Passamos duas vezes [disse Humboldt] pelas grandes Cataratas do Orenoco, aquelas do Atures e Maypure [...]. Desde a boca do Guaviare e dos rios Atabapo, Temi e Tuamini, fiz levar minha piroga por terra até o Rio Negro; seguimos a pé pelas florestas de *Hevea*, de *Chinchona*, de *Winterana-Canella*. Desci o Rio Negro até San Carlos para determinar a longitude pelo relógio de L. Berthoud, com o qual ainda estou muito contente. Subi o Casiquiare habitado pelos Ydapaminos que comem apenas formigas secas ao fumo. Penetrei as fontes do Orenoco para além do vulcão de Duida, e até onde a ferocidade dos índios Guaicas e Guaharibos permitiu, e retornei todo o Orenoco pela força da sua corrente até a capital da Guayana” [...] (HAMY 1905 : p.81).

A paisagem preserva as características de uma natureza variada, grandiosa e colorida nas descrições do cenário da viagem pelo Orenoco. Todavia, as descrições da viagem fluvial do sábio europeu – em relação às cartas de Nueva Andalucía e o Pária – tornam mais explícita a temática da rusticidade e da distância em relação à civilização. Figuras de “índios ferozes” e florestas e rios de fortes corredeiras assumem um papel essencial na composição dos cenários da viagem dos naturalistas à fronteira entre a Guayana de Venezuela e a colônia Brasil

Na missiva a Joseph Delambre – de 24 de novembro de 1800 –, a paisagem representada às margens do Orenoco deixa o limite dos caminhos fluviais:

“Como a natureza é grande e majestosa nestas montanhas! Desde o *barranco* de La Urbana (que nações desconhecidas cobriram de hieróglifos) até o vulcão de Duida (que encontrei acima de dois mil cento e setenta e seis metros, a sessenta léguas do pequeno *lago do Dorado*) não há senão uma elevada Cordilheira granítica, que descende de Quito e vai de oeste a leste juntar-se às montanhas da Guayana francesa. Que variedade de raças indígenas! Todos livres, se governam e se comem uns aos outros, desde o Guaicas de Geheta (uma nação pigméia, cujos maiores indivíduos têm quatro pés [e] duas polegadas) até aos Guajaribos brancos (que têm realmente a brancura dos Europeus); desde os Otomacos (que comem até uma libra e meia de terra por dia) até os Marivitanos e Maquíritares (que se alimentam de formigas e resinas)” (HAMY 1905 : p. 92).

Nesta missiva pode-se perceber a composição das montanhas e dos *Llanos* (estepes) que se distribui pelos arredores das margens dos rios do Orenoco. Humboldt “pinta” o lugar com as populações indígenas que figuram livres, selvagens e antropófagas. O estudo feito *in situ* pelo naturalista – expresso nos dados que acompanham estes relatos do lugar – é ilustrado por um repertório de figuras que denotam a distância que separava o lugar de onde falava o viajante com relação às tertúlias, cafés e clubes de onde seus possíveis leitores tomariam conhecimento do relato epistolar da viagem. A presença, conforme disse Humboldt, de índios livres e antropófagos, as montanhas grandiosas e o enigma dos hieróglifos de alguma sociedade desaparecida ilustram em correlação a distância do lugar visitado em relação ao universo civilizado. Na carta a Delambre publicada no *Le Moniteur*: figuras de índios minúsculos, outros brancos e outros comedores de formigas ou de lama devoram-se uns aos outros sem qualquer constrangimento identificado pelo viajante. A ciência em trânsito fazia-se em cenários vistos e representados como “o fora” da civilização.

A ausência da civilização aparecia em exemplificações de elementos singulares da região, os quais normalmente eram revestidos de valores de simplicidade, rusticidade e docilidade. É assim na descrição da casa feita por material da planta valiosa na Europa pelo seu uso medicinal na contenção de febres: “nossa casa é construída de madeira de quinquina”; Humboldt observou ao final da carta a Delamethrie, em 18 de julho de 1799 (HAMY 1905: p.35). Ocorre o enfoque nos traços singelos da presença humana de Cumaná: “fora da cidade – escreveu o prussiano – habitam os índios cobres, cujos homens andam quase nus; as casas são de bambus revestidos por folhas de coqueiros”. Dentro do espaço da casa o viajante relata uma mãe sentada com seus filhos sobre ramos de corais e usando cascas de coco como pratos para comer um pescado; ao fundo das residências as “plantações são todas abertas [...] na maior parte das casas não se fecham as portas a noite: pelo tanto que a população é doce” (HAMY 1905: p.27).

A rusticidade e a distância compunham-se ainda pela ausência de uma inteligência e hábitos que se considerassem civilizados. Sobre isso, ocorrem observações do viajante acerca das explicações legendárias dos índios Guayqueries, a respeito da formação do Golfo do Cariaco como efeito de um forte terremoto posterior à chegada dos espanhóis (HAMY 1904, p.46). Ocorre igualmente o relato sobre a condição sagrada da caverna Guácharo no imaginário e nos rituais mortuários dos indígenas da região do Orenoco – respectivamente, em carta a Zach de 17 de novembro de 1799 e a Forell de 3 de fevereiro de 1800 (HAMY 1905, p.65-67). Dos habitantes das colônias, disse: “são doces, bons e conversadores, na verdade são despreocupados e ignorantes, mas são simples e sem

pretensão” – na carta a Wilhelm von Humboldt, de 17 de outubro de 1800, que expressa o olhar que foca uma inocência entendida como anterior ao início do processo civilizatório (HAMY 1905: p.87).

Além dos tipos dóceis, inocentes e despreziosos, a distância da civilização era vista pelos elementos aterrorizantes das paisagens naturais americanas. Os crocodilos, as onças, os mosquitos e Guaicas e Guaharibos e índios antropófagos ilustram a presença de elementos selvagens, ferozes e perigosos do cenário fora da civilização – a exemplo da carta a Fourcroy de 16 de outubro de 1800 e da missiva a Delambre de 24 de novembro de 1800. A ciência feita em trânsito pelo Orenoco foi representada como “onde em cento de trinta léguas de caminho não se vê nenhuma alma humana” (HAMY 1905: p.80).; o isolamento do mundo civilizado orientava toda a ilustração do cenário da viagem científica de Humboldt e Bonpland pelos braços dos rios Orenoco, Negro e Casiquiare.

A ideia do pitoresco serviu como modelo para a captura dos cenários da viagem de Humboldt e Bonpland comunicada por meio das cartas publicadas nos jornais europeus. Os relatórios dos trabalhos científicos consistiam numa narrativa sobre o trânsito, referindo cenários de cidades de pouca presença humana e de edificações singulares, simples e rústicas, cujos moradores eram inocentes, doces e levavam a vida sem as grandes pretensões próprias aos vícios ou às virtudes da civilização. As pequenas casas eram envolvidas por vastos campos, florestas, bosques, montanhas e rios que davam lugar, em contraposição à tese de Buffon, a uma flora e fauna rica, colorida e variada. Seguindo este modelo pitoresco, o prussiano adequou os seus relatos a uma vertente da literatura de viagem e ao gosto dos leitores desejosos por se entreter com as aventuras dos sábios em lugares distantes das esferas da civilização.

## Referências Bibliográficas

CHAPPEY, Jean-Luc. Héritages républicains et résistances à « l’organisation impériale des savoirs ». In : Annales historiques de la Revolution française. N° 346, 2006. Les héritages républicains sous le Consulat et l’Empire, p.114

ETTE, Ottmar. "Las dimensiones del saber (geográfico). Los cuadros de la cultura de Alexander von Humboldt". In: [org] DOMINGO, Mariano Cuesta; REBOK, Sandra. Catálogo general de publicaciones oficiales. Madri: CSIC, 2007; p: 299-324.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARÁ

DIENER, Pablo. "El perfin del artista viajero en el siglo XIX". In: Diener, Pablo; Fernández de Calderón, Cándida; Sarmiento, Alberto (org.). *Viajeros Europeos del siglo XIX en México*. Catálogo de la Exposición. México DF, Fomento Cultural Banamex, 1996, p. 63-85.

HAMY, E. T. *Lettres Américaines d'Alexander von Humboldt (1798-1807)*. Paris: Librairie Orientale & Américaine Guilmoto, 1905..

HUMBOLDT, Alexandre de. *Essai sur la géographie des Plantes*. Nanterre: Éditions Erasme, (1807) 1990.

HUMBOLDT, Alexandre de. *Relation historique du Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland*. Paris: Casa F. Scholl, 1814, 1819, 1825 tomo I, II, III.

HUMBOLDT, Alexandre de. *Tableaux de la Nature*. Paris : Librairie de Firmin Didot Frères, (1808) 1850-1851, tomos I-II.

LALANDE. Jérôme Lefrançois. *Mémoire sur l'intérieur de l'Afrique*, Paris, Impr. des Admin, an IV, in° 4 de 39 páginas

MANCIL, Yasmine. *Le voyageur dans la presse périodique du XVIIIe siècle*  
Fonte:<http://revuefrancaise.free.fr/Marcil.htm> [23 de Março de 2010]

MINGUET, Charles. *Alejandro de Humboldt historiador y geógrafo de la América española (1799-1804)*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985; t.I, pp.126-221

MISCH, Jürgen. "Ciencia y estética: reflexiones en torno a la presentación científica y representación artística de la naturaleza en la obra de Alexander von Humboldt". In: [org] DOMINGO, Mariano Cuesta; REBOK, Sandra. *Catálogo general de publicaciones oficiales*. Madri: CSIC, 2007; p: 279-297.